

BREVE COMENTÁRIO SOBRE O FÓRUM SOCIAL MUNDIAL 2007

Ao pensar em África, devemos ter em mente um grande continente, diversidade de culturas, línguas e histórias. Foram essas diferenças que deram o tom e a cor do Fórum.

Rosana Fernandes*

Em Nairóbi, a capital do Quênia, o que se parece com o Brasil é a existência do contraste entre ricos e pobres, entre bairros com mansões e prédios vistosos e imensas favelas como Kibera com 700.000 moradores e Korogocho com 200.000 moradores. O contrastante é que no Brasil os ricos, os que residem em bairros luxuosos e dirigem carros importados não são negros. Mas somos iguais na alegria, na resistência e na afetuosidade.

O passado de colonização inglesa é fortemente marcado no cotidiano queniano. Desde o breakfast, no estilo inglês, até o uniforme escolar das crianças, com seus suéteres azul-marinho, vestidos cumpridos e recatados, quase sempre puídos. As mulheres se vestem com uma elegância meio anacrônica aos nossos olhos: perucas de nylon de tonalidades claras, combinando com sapatos de saltos. Poucos usam roupas com padrões africanos. Não estou falando da África mítica, do nosso imaginário culturalista. Estou falando de uma grande metrópole do continente africano e de suas contradições.

Ao pensar em África, devemos ter em mente um grande continente, diversidade de culturas, línguas, e histórias. Foram essas diferenças que deram o tom e a cor do Fórum.

As estimativas dos organizadores são de 50.000 participantes, entre os quais uns 400 brasileiros/as. Destacou-se a presença das mulheres, não só pela significativa participação como organizadoras e coordenadoras de atividades, mas destacaram-se também pelas presenças ilustres de ganhadoras do Nobel da Paz, como a ambientalista queniana Wangari Maathai, a professora norte americana Jody Williams, a advogada iraniana Shirin Ebadi que defenderam a busca por justiça social e paz no planeta. Enquanto no FSM no Brasil e na Venezuela a presença de representantes negros/as era minoritária, torna-se desnecessário dizer que nessa edição do FSM destacou-se a presença negra dos participantes.

Chegar à África sozinha, inicialmente, parecia um desafio. Surpresa! Fui bem acolhida desde o Aeroporto. Solicitei informações de um funcionário para localizar um estande, apresentando-me como brasileira, e fui recepcionada por ele com a expressão: *Jambo, Brazilians are my friends! I like Brazil!*¹. Assim, com o conforto de ver meus pares, adentrei a cidade de Nairóbi! Hospedei-me no Centro da cidade e imediatamente circulei pelos arredores, observei as pessoas, visitei lojas, supermercados, feiras de artesanato, restaurantes, andei de *matatus*, etc. Nada foi mais importante do que a visita a Mnengo

¹ Bem vindo, brasileiros são meus amigos. Eu gosto do Brasil.

Community, favela próxima ao centro da cidade, onde os pequenos cômodos não possuem luz elétrica, água ou saneamento básico. Os banheiros são coletivos. Experimentei duas sensações: medo e tristeza. De lá visitei um bairro de classe média, onde os moradores em sua grande maioria são indianos. Por fim, visitei a *high class*, os ricos. Como disseram os meus amigos quenianos Farid e Rina Irumba: você viu a verdadeira Nairóbi! O VII FSM aconteceu no Moi International Sports Centre, que se localiza em Kasarani, a 10 km do Distrito Financeiro de Nairóbi. Este grande espaço permitiu o desenvolvimento de várias atividades simultâneas, previstas ou não. O VII FSM esteve programado para que a maior parte das atividades fossem *autogestionadas* por organizações e redes. As atividades geridas pela coordenação do FSM versaram sobre África. O VII FSM durou três dias com atividades e um quarto dia para o recolhimento de propostas de lutas que ocorrerão entre 2007-2009.

Todos os dias havia muitas atividades, passeatas de mulheres, de povos tradicionais africanos, peças teatrais de crianças para a luta contra HIV/AIDS, Dalits da Índia lutando pelo reconhecimento de seus direitos humanos, protestos contra o Banco Mundial, G8 e o FMI, contra a guerra no Iraque e o fim das guerras na África, contra o uso de Organismos Geneticamente Modificados, por uma Palestina Livre, para o cancelamento da dívida, música de jovens venezuelanos, danças e manifestações de pessoas de Etiópia, jovens de projetos sociais das favelas de Nairobi apresentando danças, músicas e acrobacias, protestos contra violações de direitos humanos, passeatas como forma de luta e resistência, de mobilização e transformação, afirmando que um outro mundo é possível. Havia ainda grupos que reivindicavam solidariedade internacional à luta contra a mutilação genital feminina, e grupos que o faziam para a *mudança de comportamento* como meio de superação da pandemia do HIV/AIDS. As mulheres em sua grande maioria lideravam as passeatas, os cantos e as danças. Na Assembléia dos Movimentos Sociais, foi apresentada uma declaração repudiando e denunciando a exploração e opressão na África, o imperialismo, e a militarização.

As dificuldades, comuns a eventos dessa natureza, ficaram por conta da tradução, equipamentos e, principalmente, em se obter informações sobre a localização das atividades.

Das atividades de que participei, destaco: a) *Human Rights, Universality and culture – discussing tensions, perspectives and possibilities*. Este debate explorou a tensão entre tradição, cultura e direitos humanos, focado na concepção de universalidade. Os direitos humanos e as estratégias adotadas pelas grandes potências para o desenvolvimento e organização impostos aos países do Oeste e Sul. Participaram Sheik Salion Mbacké-Inter Faith, Peter Prove, Justina da *Synergie des Femmes pour les victimes da Violencias Sexuales*, Houleye Tall defensora dos direitos humanos da Maurítânia.

b) Troca de Experiências sobre o trabalho de mulheres – atividades que contou com um grande número de participantes, inclusive com o ex-presidente da Zâmbia, Kenneth Kaunda. Este momento foi alternado com falas, músicas,

poesia, momentos de grande expressão de solidariedade às mulheres, particularmente às mulheres africanas.

c) Reunião com a organização TransÁfrica Fórum – esta atividade foi um articulação entre o movimento negro norte americano e brasileiro preocupados com os negros das Américas e do Mundo. Nesta discussão destacaram-se os problemas da África, particularmente a guerra civil em Dafur², Haiti e Colômbia. A proposta é a construção de agenda conjunta do movimento social articulada com ações governamentais e da sociedade civil. Nesta reunião estiveram presentes representantes da Unegro, Conen, Geledés, MNU, MST, Movimento Hip Hop, Grupo de Mulheres Mãe Andreza. Participaram representando a TransÁfrica Nicole C. Lee, e Danny Glover, ator e ativista do movimento negro norte americano.

A minha participação neste VII Fórum Social Mundial se deu como uma dos quatro integrantes da delegação ecumênica brasileira e foi uma experiência que contribuiu para algumas reflexões minhas acerca do movimento negro brasileiro, destacando-se a importância em colocar a questão da identidade negra como fundamental para o resgate da auto-estima do negro/a. A identidade entre os povos negros do continente africano e americano não se traduz apenas no âmbito da cultura, da história de colonização, massacres e escravidão. Está fortemente presente nas bandeiras de luta pela superação das desigualdades calcadas no racismo. Desta forma, o protagonismo do povo negro e a solidariedade dos povos comprometidos por um mundo melhor articulam o embate por um novo modelo de desenvolvimento à desconstrução das raízes que estruturam e servem de pilar à discriminação de gênero, raça, sexo, e à intolerância religiosa.

* Historiadora e assessora de projetos da Coordenadoria Ecumênica de Serviço – CESE.

Fonte: IROHIN, ano XII, nº 19, páginas 16 e 17, Brasília, 23 de março de 2007. <http://irohin.org.br/>